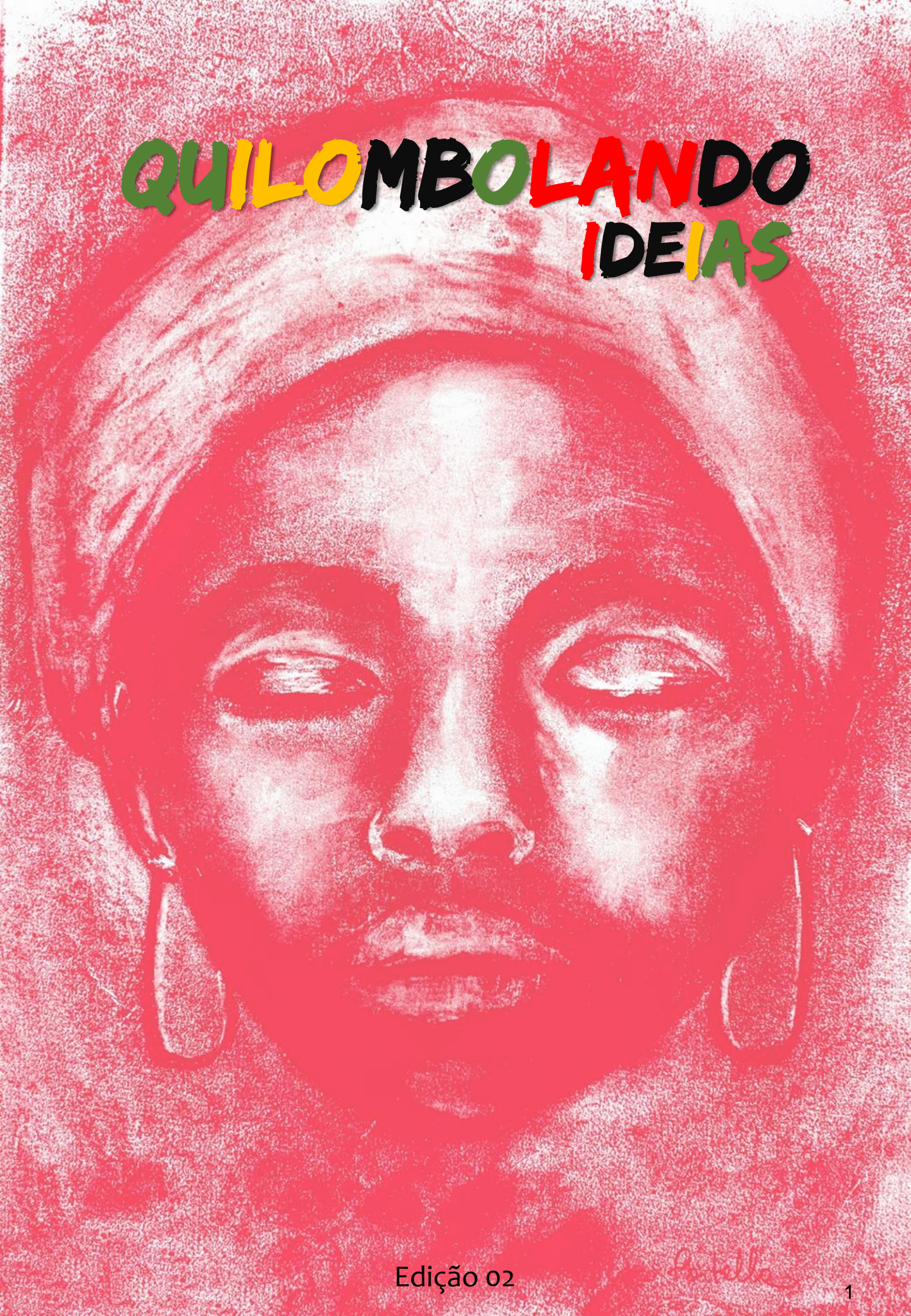


# QUILOMBOLANDO IDEIAS



# QUILOMBOLANDO IDEIAS

Organização: Gilda Portella Rocha, Silviane Ramos Lopes da Silva  
Arte – Ilustração, Imagem Capa: Gilda Portella  
Produção Editorial e Diagramação: Célia Soares  
Revisão: Lidiane Álvares Mendes

Revista Quilombolando ideias [recurso eletrônico] / Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Quilombola (GEPEQ-UFMT). v.1, n.2, jul./dez. 2023. - Cuiabá: GEPEQ-UFMT, 2023-.

Semestral.

Modo de acesso: <https://potenciasnegras.org>

Subtítulo varia.

1. Quilombolas – Coletivos Tradicionais. 2. Quilombolas – Periódicos. 3. Identidades -- Estudo e Ensino. I. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola.

CDU 316.35



## ÍNDICE

### APRESENTAÇÃO

Rozzi Brasil

### QUILOMBOLANDO IDEIAS : NEGRITUDES E REGISTRO EM CENAS

Cristina Soares

### ENTRE A FÉ E O FESTAR: O TEMPO DE FESTA EM VILA BELA (MT)

Leticia Helena de Oliveira

### DANÇA PISADA É O SAMBA DE COCO

Isis de Castro

### O QUE É CAPOEIRA?

Carleandro Roberto de Souza

### O MAR, AS BALEIAS E OS QUILOMBOLAS

Joana D'arc Portella Rocha

### ACESSO À JUSTIÇA E OS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL

Fabiana Souza de Andrade



## APRESENTAÇÃO

Rozzi Brasil\*

O primeiro Estado livre de todas as Américas surgiu no Brasil, durou em torno de cem anos, criado pelos negros em resistência à escravidão, uma sociedade livre e igualitária formada por negros, indígenas e brancos. Era o Quilombo dos Palmares. A revista Quilombolando ideias, tem nome sugestivo e amalgamador do termo quilombo, verbo bolar e substantivo ideias cabendo nesse título a identificação e registro de manifestações culturais não hegemônicas que existem porque resistem e sobrevivem por estarem fora do circuito mercadológico e suas apropriações que subvertem e contaminam suas essências a fim de transformá-las num produto avesso à cultura original palatável ao sistema hegemônico, colonialista e por consequência racista. Podemos dizer então que temos um quilombo em forma de revista.

Vivencio o samba de raiz na periferia do Rio de Janeiro, pertenço a uma parceria só de mulheres que produz e compete com samba enredo para uma das escolas mais tradicionais do país e foi com muita alegria que acessei a revista que mostra que a cultura original, originária e negra se mantém, viva, lúcida, lúdica formadora de sujeitos a despeito de todos os ataques do mercado que tenta embranquecê-la a todo custo, incluindo elementos estranhos e até estrangeiros transformando não numa evolução natural, mas sistematizando preconceito, racismo, subalternização.

Conhecer o “Samba do Coco”, ler “O que é Capoeira?” Ter contato com as informações do artigo “O mar, as baleias e os quilombolas” me integra ao Brasil profundo e me alenta com o entendimento de que as batalhas jamais cessaram e a articulação/luta pela prática da lei 10.639/2003 são fatores que reúnem brasileiros contra hegemônicos, o que desmonta a prática iniciada com a criteriosa separação por etnias e idiomas dos indivíduos, nossos ancestrais, sequestrados de África.

Tentaram nos calar, mas não nos silenciaram, a oralidade se transmitiu nas danças e ritmos, nos corpos maltratados que continuaram a dançar, a capoeirar. Nos prédios erigidos, nos símbolos Adinkras de suas grades de janelas. Nas nossas letras e escritas Palmares se fez uma ideia, coisa que ninguém prende, coisa que não se mata. Coisa que não se apaga. Nos negaram o conhecimento, desconhecendo que tínhamos tanto e que saberes não se expropriam. Os quilombos continuam existindo, os urbanos se ressignificam em novas estratégias para a manutenção da cultura indissociável da negritude.

Entendam essas leituras como uma viagem ao que o racismo não destrói